

O Cristo Ausente Mas Presente*

Alexander MacLaren†

“Não vos deixareis sem conforto: eu virei para vós. Ainda um pouco, e o mundo não me vê mais, mas vós Me vedes; porque Eu vivo, vós também vivereis” (João 14. 18,19, KJV).

As doces e graciosas consolações com as quais Cristo estivera abrandando os temores dos discípulos penetraram muito fundo mas, até então, não fundo o bastante. Era importante que eles conhecessem o propósito da Sua partida, para onde Ele ia, e que era do interesse deles a Sua saída. Era importante que eles tivessem diante de si a perspectiva da reunião; importante que soubessem que, por toda a Sua ausência, Ele estaria operando neles, e que eles ficassem assegurados de que, ausente, Ele lhes enviaria um grande dom. Contudo, reunião, influência de longe e dons do outro lado do abismo não era tudo de que os corações deles precisavam. E, assim, nosso Senhor aqui oferece mais ainda, nos paradoxos de que, ausente, Ele estaria presente, invisível, visível, e, morrendo, ser-lhes-ia, para sempre, vida e doador de vida. Esses grandes pensamentos atingem o centro das suas e das nossas necessidades; e deles tratarei resumidamente.

Há, nas palavras que eu li, conquanto sejam elas apenas fragmentos de um contexto estreitamente relacionado, estes três grandes pensamentos: o Cristo ausente, o Cristo presente; o Cristo invisível, o Cristo visível; o Cristo que morre, a vida e o doador da vida. Olhem para esses tal como se acham.

I. Em primeiro lugar, pois, o Cristo ausente é o Cristo presente.

“Eu não vos deixarei sem conforto”, ou, como está na *Revised Version*, “desconsolados — eu virei para vós”. Ora, a maioria de nós sabe, suponho, que o significado literal da palavra traduzida por “sem conforto” ou “desconsolados” é “órfãos”¹. Mas essa é, antes, uma forma pouco comum em que se representa a relação entre nosso Senhor e Seus discípulos. E assim, possivelmente, nossas versões inglesas estão corretas em dar a idéia geral de desconsolo em vez da idéia específica trazida diretamente pela palavra. Mas é para se lembrar ainda que o colóquio todo se inicia com “filhinhos”; e parece não haver nenhuma razão consistente para suprimir o sentido literal da palavra se somente for lembrado que não é tão empregado para definir a relação de Cristo com Seus irmãos como o é para descrever a condição desconsolada e desamparada daquele pequeno grupo quando deixado por Ele. Eles ficariam como crianças sem pai nem mãe em um mundo indiferente. E o que impediria isso? Apenas uma coisa: “Eu virei para vós”. “Então, e só então, deixareis de se sentir abandonados e de ser órfãos. Minha presença mudará tudo, e transformará um inverno em um glorioso verão”.

* No original, *The Absent Present Christ*. (N. do T.)

† Alexander MacLaren (1826-1910), ministro batista escocês de orientação calvinista, foi um dos mais renomados expositores da Bíblia da época contemporânea. Se seu colega de denominação Charles Haddon Spurgeon era o “Príncipe dos Pregadores”, ele, por sua vez, era o “Príncipe dos Pregadores Expositivos”. Diziam que ele possuía um martelo dourado em seu bolso, com o qual batia no texto escriturístico para dele extrair as divisões dos seus sermões. (N. do T.)

¹ Como está em nossa Bíblia de Almeida. (N. do T.)

Ora, que “vinda” é essa? Deve-se observar que nosso Senhor não diz: “Eu irei”, como futuro, mas “eu vou”, ou “eu estou indo”, como algo imediatamente iminente e, quase podemos dizer, presente. Não pode haver nenhuma referência na palavra àquela vinda final para julgar que está tão distante no futuro; porque, se houvesse, então resultaria do texto que, até aquele tempo chegar, todos aqueles que O amam aqui na terra devem vagar de um lado para outro como órfãos, desconsolados e abandonados; mas, decerto, não o pode ser jamais. De forma que temos de reconhecer aqui a promessa de uma vinda que é contemporânea à Sua ausência, a qual, de fato, é apenas o outro lado de Sua ausência corporal.

A respeito dEle, é verdade que “aparta-Se de” Seu povo em forma corpórea “por um período, para que esse possa recebê-LO” em uma forma superior “para sempre”. Eis, pois, o coração e o centro da consolação aqui, que, não obstante a presença exterior estar removida, e os “tolos sentidos” terem de falar de um Cristo ausente, regozijemos na certeza de que Ele está com todos aqueles que O amam e, mais ainda, absolutamente, devido à própria remoção da manifestação terrena, a qual serviu ao seu propósito, e agora é posta de lado, como um empecilho ao invés de um auxílio à plena comunhão. Nós confundimos *corpóreo* com *real*. A presença corpórea se finda; a presença real dura para sempre.

Eu não preciso insistir, suponho, na evidente conclusão da Divindade absoluta que se tira de palavras tais como estas: “Eu venho”. “Estando ausente, eu estou presente em todas as gerações. Eu estou presente com todo coração singelo”. Isso é equivalente à Onipresença da Deidade; isso é equivalente a ou implica na existência imortal da natureza divina. E Aquele que diz, ao partir da terra e retirar a doçura da Sua forma visível dos olhos dos homens: “Eu venho”, no próprio ato de ir, “e estou convosco sempre, com todos vós até o fim dos tempos”, não pode ser menos do que Deus, manifestado na carne por um período e presente no Espírito com os seus filhos para sempre.

Só posso achar que a típica vida cristã dos dias correntes fracassa miseravelmente ao não perceber, de modo simples e consciente, essa grande verdade, e que todos nós, de longe, vivemos muito pouco na calma, feliz e fortalecedora certeza de que nunca estamos sozinhos, mas que temos Jesus Cristo com cada um de nós de maneira mais próxima, mais verdadeira, mais disponível e mais onipotente na influência do que a tinham aqueles que estiveram mais perto dEle durante os dias em que Ele viveu sobre a terra.

Ó, irmãos, se realmente nós crêssemos, não como um artigo do nosso credo, o qual se nos torna tão familiar que pouco nos impressiona; porém, como uma convicção vital e sempre presente das nossas almas — que conosco sempre houve a presença real do Cristo real — como seriam aliviados tantos fardos e preocupações, como começariam a se afastar e a serem corrigidas todas as perplexidades, como seria sugada toda a força das tentações, e como as tristezas e alegrias e tudo o mais seriam mudados em suas aparências só por nos darmos conta dela intensa e constantemente conosco! Um Cristo presente é a Força, a Justiça, a Paz, a Alegria e, como veremos, no sentido o mais literal, a Vida de cada alma cristã.

Além disso, repare que essa vinda de nosso Senhor é identificada com aquela do Seu divino Espírito. Ele estava falando do envio daquele “outro Consolador”, mas, ainda que Ele fosse Outro, todavia, era tão indissolivelmente unido com Aquele que envia que a vinda do Espírito é a vinda de Jesus. Ele não é nenhuma dádiva levada até nós como que do outro lado

de um abismo, contudo, devido à unidade da Divindade e à Deidade do Espírito enviado, Jesus Cristo e o Espírito a quem Ele envia são inseparáveis embora separados, e tão indissolivelmente unidos que, onde o Espírito está, existe Cristo, e onde Cristo está, existe o Espírito. Essas estão entre as coisas profundas que os discípulos “não eram capazes de suportar” naquele estágio do desenvolvimento deles, e eles aguardavam uma explicação adicional. Era suficiente para eles, e é suficiente para nós conhecer que temos Cristo no Espírito e o Espírito em Cristo; e lembrar-se de “que, se alguém não tem o Espírito de Cristo, não é dEle”.

Achamo-nos aqui na margem de um mar sem litoral e sem fundo; e, de minha parte, arrisco-me a julgar que os homens que falam sobre as incredibilidades e as contradições da fé ortodoxa demonstrariam ser mais sábios se fossem mais cômicos da limitação da capacidade humana e se lembrassem de que fazer declarações sobre contradições na doutrina da Natureza Divina faz supor que o declarante põe-se acima e percorre todo o arredor de tal Natureza. Dessa forma, recusando para mim onisciência e compreensão da Deidade, eu aceito a declaração de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo vêm e habitam juntos o coração.

Outrossim, notemos que esse Cristo presente é o único Remédio para a orfandade do mundo. As palavras possuem uma relação terna e comovente com aquele pequeno e atônito grupo de seguidores, privados de seu Guia, seu Mestre e seu Companheiro. Aquele que tinha sido como que olhos para a fraca visão deles, Conselheiro, Inspirador e tudo o mais por três benditos anos, estava indo embora para deixá-los desabrigados na tempestade. E podemos compreender quão perdidos e aterrorizados eles estavam quando ficaram na expectativa de enfrentar as coisas que deviam acontecer com eles sem a Sua presença. Por conseguinte, Ele os encoraja com a certeza de que eles não serão deixados sem Ele, mas que, ainda presente, justamente porque Ele está ausente, Ele será tudo que sempre lhes fora.

E a promessa foi cumprida. De que outro modo então aquele descorçoado grupo de homens covardes criaram coragem depois da Crucificação? Por que foi que eles não seguiram o exemplo dos discípulos de João, e se dissolveram e desapareceram, dizendo: “O jogo está encerrado. É inútil ficarmos junto de agora em diante”? O processo de separação começou no próprio dia da Crucificação. Somente uma coisa podia tê-lo parado, e essa era a Ressurreição e a presença (com Sua Igreja) do Cristo ressurreto em Seu poder e em toda a plenitude dos seus dons. Se Ele não houvesse vindo a eles, teriam desaparecido, e o cristianismo teria sido mais uma das malgradadas e esquecidas seitas do judaísmo. Mas todo o Novo Testamento pós-Pentecoste está, de fato, em chamas com a consciência de um Cristo presente, operando no meio do Seu povo. E, conquanto seja verdade que, em um aspecto, estejamos “ausentes do Senhor” quando estamos presentes com o corpo, em outro, infinitamente mais alto, é verdade que a força da vida cristã dos apóstolos e mártires era esta, a segurança de que Cristo Mesmo — não mera metáfora retórica para a Sua influência ou o Seu exemplo, ou a Sua memória perdurando em suas imaginações, mas o Próprio Cristo real — estava presente com eles, para fortalecer e abençoar.

Essa mesma convicção, vós e eu devemos possuir, mesmo que o mundo não nos seja um lugar deserto e lúgubre. Em um sentido mui profundo, é verdade que, se tirardes Jesus Cristo, o Irmão mais velho, que sozinho revela aos homens o Pai, ficamos todos órfãos, viramos filhos sem pai, que erguem os olhos para um céu vazio e não vêem nada lá. É unicamente Cristo que nos revela o Pai e faz nossos alegres corações sentirem que somos Seus

filhos. E, na acepção mais ampla da palavra “órfãos”, não é a vida uma tristeza sem Ele? Alegrias enganadoras, felicidades efêmeras, rosas cujos espinhos duram muito tempo após haverem caído as pétalas, dores reais, aparências e embustes, amarguras e contrariedades — não é isso nossa vida quando Cristo é tirado dela? Ó! há apenas uma coisa que nos livra de ser como crianças abandonadas e sem pai, tateando no escuro pela mão do Pai perdido, e agonizando de necessidade dela, e essa é Cristo Mesmo vindo até nós e conosco ficando.

II. O Cristo invisível é um Cristo visível.

Fica claro que o período aludido na segunda oração de nosso texto é o mesmo que aquele aludido no primeiro, que “ainda um pouco” cobre todo o espaço de tempo até a Sua ascensão; e que, se há, de alguma maneira, qualquer referência aos quarenta dias de Sua vinda de Sua vida terrena, durante a qual, literalmente, o mundo “não O viu mais”, mas “os apóstolos O viram”, tal referência é apenas secundária. Essas aparições transitórias não são de consequência ou duração suficientes para trazerem consigo a importância de uma tão grande promessa como essa. A visão, a qual é o resultado da vinda, tem a mesma extensão no tempo que a vinda — ou seja, é contínua e permanente. Temos de ler aqui a grande promessa de uma visão perpétua do Cristo presente. Fica claro, também, que a palavra “ver” é empregada nessas duas orações em dois sentidos distintos. No primeiro, refere-se somente ao aspecto corpóreo, no segundo, à percepção espiritual. Por algumas breves horas ainda, a massa ímpia dos homens deveria ter aquela visão exterior, a qual podia ter-lhes sido muita coisa, mas que eles usaram tão mal que “vendo, não viram”. Ela tinha de cessar, e aqueles que O amavam não sentiriam sua falta quando cessasse: porém, a partida que O ocultaria dos sentidos e da alma presa a esses revelá-lo-ia mais claramente aos Seus amigos. Eles, também, apenas O tinham visto vagamente enquanto estava presente; contemplariam-no com discernimento mais verdadeiro quando Ele estivesse presente, embora ausente.

Desse modo, eis o que toda vida cristã pode e deve ser — a visão contínua de um Cristo continuamente presente. A parte dEle é vir. A nossa é ver, estarmos cōscios dAquele que de fato vem.

A fé é a visão da alma, e é, de longe, melhor do que a visão dos sentidos. É mais direta. Meu olho não toca no que eu vejo. Abismos de milhões de milhas podem se estender entre mim e ele. Contudo, minha fé não é só olho, mas mão, e não apenas olha, mas agarra, e entra em contato com aquilo a que está dirigida. É muitíssimo mais clara. Os sentidos podem enganar; minha fé, edificada sobre a Palavra dEle, não. Sua informação é, de longe, mais certa, mais válida. Melhor motivo tenho eu para crer em Jesus Cristo do que para crer nas coisas que toco ou manuseio. De forma que não há necessidade de os homens dizerem: “Ó, se ao menos nós O houvéssemos visto com nossos olhos!” Mui provavelmente, vós não O teríeis conhecido se houvésseis visto. Não há razão alguma para se pensar que a Igreja retrocedeu em seus privilégios porque tem que amar em vez de contemplar, e acreditar em vez de tocar. Isso é avanço, e estamos melhores do que eles, já que a bênção daqueles que não viram e, no entanto, creram, desce sobre nossas cabeças. A visão de Cristo que é outorgada à alma fiel é melhor, não pior, e mais, não menos, de outra espécie, realmente, mas também de grau mais sublime do que aquela concedida aos homens que O viram na terra. O sentido estorva, só a fé avista.

“O mundo não Me vê mais”. Por quê? Porque é mundo. “Vós me vedes”. Por quê? Porque vós “afastastes vossos olhos da vaidade”, e porque gradualmente continuais afastando.

Se quiserdes que o olho da alma seja aberto, deveis fechar o olho do sentido. E, quanto mais deixardes de olhar para as tentadoras mentiras com as quais a época e o universo material nos ludibriam e confundem, mais veremos Aquele a quem ver é viver eternamente.

Ó, irmãos! essa poderosa palavra “ver”, em alguma medida, exprime a intensidade, a sinceridade e a certeza da nossa percepção da presença do Mestre? É Jesus Cristo tão claro, tão perceptível, tão indubitável para nós quanto os homens ao nosso redor os são? O que é sombra e o que é realidade para nós? As coisas visíveis, que os sentidos honram como sendo “reais”, ou as que não podem ser vistas, pois são tão grandes, e se elevam acima de nós, invisíveis em sua eternidade? A qual mundo nossos olhos mais se abrem, o mundo onde Cristo está ou o daqui? Nossos olhos felizes podem observar e nossas abençoadas mãos ser postas na Palavra da Vida que foi manifestada a nós. Que nos acautelemos para não deixar de olhar para uma coisa digna de ser olhada, para apreciar um mundo tenebroso e triste.

III. Por último, o Cristo presente e visível é vida e doador de vida.

As últimas palavras do meu texto podem ser ligadas às precedentes, como mostra a tradução na margem da *Revised Version*. Porém, provavelmente, é melhor entendê-las como sendo independentes entre si, e apresentando um outro elemento coordenado da bem-aventurança que se origina da vinda do Cristo. Porque Ele vem, Sua vida passa para dentro dos corações dos homens a quem Ele vem, e que O contemplam.

O tempo me impede de, com lábios que tão logo se empalidecerão com a morte, deter-me sobre essa augusta proclamação da Sua vida absoluta e divina. Note o grandioso “Eu vivo” — o atemporal verbo no presente, que expressa a intacta, sem origem, imortal e, segundo creio, vida divina. Tudo isso não é senão uma menção do grande nome “Jeová” do Antigo Testamento. A profundidade e a extensão do seu significado são-nos dadas no Apocalipse desse apóstolo, onde Cristo é chamado “o Vivente”, que viveu e morreu, e, tendo vivido, “vive eternamente”.

E esse Cristo, vindo para todos os Seus amigos, possuidor da plenitude da vida em Si Mesmo, e proclamando Sua posse absoluta de tal vida, até quando à distância, no Calvário, é doador de vida a todos os que O amam e nEle confiam.

Nós vivemos *porque* Ele vive. Em todos os sentidos da palavra vida, segundo creio, a vida dos homens é derivada do Cristo, o qual é o agente da criação, o canal de quem a vida passa da Divindade para dentro das criaturas, e que é ainda o único meio pelo qual qualquer um de nós pode então esperar viver a melhor vida, a qual é a única verdadeira, e consiste em comunhão com Deus e união com Ele.

Viveremos, *já que* Ele vive, e Sua existência é o penhor e a garantia da existência imortal de todos os que O amam. Pode-se crer em tudo, menos em que seja possível a uma alma, que haja sorvido vida espiritual de Jesus Cristo aqui na terra, ser separada dEle por uma tal ninharia externa miserável como o é a mera dissolução do corpo humano. Já que Cristo vive, vossa vida está garantida. Se a Cabeça tem vida, os membros não podem ver corrupção. “Não *me* leveis no meio dos meus dias, os *teus* anos são por todas as gerações” ² foi a oração de um santo de

² Sl 102.24. (N. do T.)

outrora, sentindo profundamente o contraste entre a transitoriedade do adorador e a eternidade de Deus, e esperando vagamente que o contraste fosse mudado para semelhança. A grande promessa de nosso texto responde à oração, e nos assegura de que o adorador deve viver tanto quanto vive Aquele a quem ele cultua.

Viveremos como Ele vive, e não cessará jamais a apropriação da Sua existência até que conheçamos toda a Sua vida, e toda a plenitude dela haja desenvolvido nossas naturezas — e as tais nunca mais sejam as mesmas. Portanto, nós não morreremos.

As vidas dos homens são prolongadas pela transfusão de sangue oriunda de corpos vigorosos. Jesus Cristo passa Seu próprio sangue para dentro de nossas veias, e torna-nos imortais. No passado, a Igreja escolheu como um de seus símbolos do Salvador o pelicano, o qual alimentava seus filhotes, de acordo com a fábula, com o sangue de seu peito. Assim é que Cristo nos vitaliza. Ele em nós é a nossa vida.

Irmãos, sem Jesus Cristo, nós somos órfãos em um mundo sem pai. Sem Ele, nossos olhos cansados e, no entanto, insatisfeitos, têm apenas futilidades, problemas e porcarias para enxergar. Sem Ele, nós somos mortos, ainda que vivamos. Ele, e somente Ele, pode dar-nos de volta um Pai, e renovar em nós o espírito de filhos. Ele, e somente Ele, pode satisfazer nossos olhos com a vista que é pureza, descanso e gozo. Ele, e somente Ele, pode infundir vida em nossa morte. Ó! Deixai-O fazer isso por vós. Ele chega a nós com todos aqueles dons em Suas mãos, pois vem para nos dar a si mesmo. E nEle mesmo, como “em uma caixa onde os doces estejam compactados”, há tudo que os corações solitários, os olhos cansados e as almas mortas podem necessitar em todo tempo. Tudo é vosso se fores de Cristo. Tudo é vosso se Ele é vosso. E Ele é vosso se pela fé e pelo amor fizerdes de vós mesmos dEle e Ele, vosso.

Tradução: Vanderson Moura da Silva